

## INFLUÊNCIA DE VARIÁVEIS NÃO LINGUÍSTICAS NO PROCESSO DE ACOMODAÇÃO DIALETAL DO /S/ EM CODA SILÁBICA POR PARAIBANOS EM RECIFE

### INFLUENCE OF SOCIAL VARIABLES IN THE PROCESS OF DIALECT ACCOMMODATION OF /S/ IN CODA BY PARAIBANOS IN RECIFE

Izete de Souza Lima\*  
Rubens Marques de Lucena\*\*

**Resumo:** Este estudo tem por objetivo compreender o processo de acomodação dialetal de paraibanos que vivem em Recife (PE), com base na Teoria da Acomodação da Comunicação (GILES et al., 1987) e nos aportes teórico-metodológicos da Teoria da Variação Linguística (LABOV, 1966; 1972). O fenômeno fonológico que nos permitirá verificar os efeitos da acomodação é a realização da fricativa coronal /S/ em posição de coda silábica, pelo fato de que esse segmento marca claramente a diferença entre os dialetos em estudo. O *corpus* foi constituído por 7 informantes paraibanos que residem há no mínimo dois anos em Recife. Os dados coletados, a partir de entrevistas com os informantes, foram submetidos a um tratamento estatístico através do Goldvarb X (SANKOFF; TAGLIAMONTE; SMITH, 2005) e, em seguida, analisados quantitativa e qualitativamente. Os resultados revelaram que as variáveis estatisticamente mais relevantes para o fenômeno foram o tempo de residência, o contato diuturno com falantes recifenses e a frequência das visitas à Paraíba.

**Palavras-chave:** Acomodação dialetal; Variação linguística; Fricativa coronal.

**Abstract:** This study aims at understanding the process of accommodation of two Northeastern dialects of Brazilian Portuguese, in the light of Communication Accommodation Theory (GILES et al., 1987) and Variation Theory (LABOV, 1966; 1972). The phonological phenomenon focused on this paper is the realization of coronal fricative /S/ in coda position, since this segment clearly marks the difference between the dialects (João Pessoa (State of Paraíba) x Recife (State of Pernambuco)). The *corpus* consisted of seven informants from Paraíba living in Recife for more than 2 years. The data collected from interviews with informants were subjected to statistical analysis by Goldvarb X (SANKOFF, TAGLIAMONTE & SMITH, 2005). The results, based upon quantitative and qualitative analysis, show that the relevant variables to the phenomenon were length of residence, amount of exposure to dialect and frequency of visits to Paraíba.

**Keywords:** Dialect accommodation; Linguistic variation; Coronal fricative.

---

\* Mestre em Linguística, Universidade Federal da Paraíba.

\*\* Doutor em Linguística, Universidade Federal da Paraíba.

## **Introdução**

Embora os estudos a respeito da acomodação dialetal sejam numerosos no panorama acadêmico internacional, ainda lidamos com certa escassez de trabalhos no que se refere a esse processo nos dialetos brasileiros. Nos últimos anos, no entanto, pesquisas como as de Marques (2006), Martins (2008) e Chacon (2012) se propuseram a identificar o grau de acomodação dialetal experimentado por falantes de português brasileiro. À luz da Teoria da Acomodação da Comunicação (GILES et al., 1987), esses trabalhos buscam entender como informantes, em contato com outro dialeto, assimilam características fonético-fonológicas da nova variedade.

Os primórdios da Teoria da Acomodação da Comunicação surgem a partir das primeiras publicações de Giles (1973) a respeito do que ele denominou de “Teoria da Acomodação da Fala”. Nesse trabalho seminal, Giles critica alguns aspectos do paradigma laboviano, argumentando que o papel da formalidade-informalidade do contexto e o critério de “atenção à fala” (associados por Labov ao prestígio dos estilos de fala) poderiam ser interpretados como processos de acomodação interpessoal (cf. GILES; COUPLAND; COUPLAND, 1991). Giles foca sua atenção para os fatores que estão envolvidos no processo de acomodação dialetal e para a influência de falantes sobre outros, fato que se exterioriza através do comportamento linguístico. Em outras palavras, a teoria propunha que a explicação através da “formalidade-informalidade do contexto” poderia ser substituída por uma interpretação em termos de influência interpessoal, através da convergência linguística de um falante.

Em sua gênese, a teoria proposta por Giles tinha um foco sócio-psicológico, embora ela não tenha se restringido apenas a esse campo de estudo. Como afirma Giles (1973), ao longo de doze anos, a teoria se desenvolveu, levando em consideração os fenômenos relacionados aos processos de interação comunicativa. Assim, num segundo momento, a Teoria da Acomodação da Fala passou por uma releitura por parte de seus teóricos, numa perspectiva mais interdisciplinar, explorando aspectos linguísticos mais amplos, como as dimensões discursivas da interação social e fenômenos não verbais da língua. Surge, então, a Teoria da Acomodação da Comunicação, a partir do trabalho de Giles et al. (1987).

De acordo com Giles et al. (op. cit.), o indivíduo, com o objetivo de alcançar uma aceitação social, converge a sua maneira de falar ao de seu interlocutor, processo denominado pelos autores de “convergência”. Esse fenômeno se concretizaria a partir da adaptação de comportamentos linguísticos e extralinguísticos por parte do falante. Por outro lado, se o indivíduo evita uma aproximação do interlocutor, ele tende a realçar as diferenças dialetais que os separam, processo denominado pela teoria de “divergência”.

Para Giles et al. (op. cit.), a acomodação ocorrerá a depender das necessidades do falante. A teoria volta-se para as investigações de atitudes, motivações e estratégias usadas pelos indivíduos com o objetivo de atingir uma integração social e/ou preservar a identidade do grupo.

O presente trabalho se encaixa nessa linha de pesquisa e objetiva compreender a acomodação dialetal de paraibanos que vivem há pelo menos 2 (dois) anos em Recife, capital do Estado de Pernambuco, com base na Teoria da Acomodação da Comunicação (GILES et al., 1987) e nos aportes teórico-metodológicos da Teoria da Variação Linguística (LABOV, 1966; 1972). O fenômeno fonológico que nos permitirá verificar os efeitos da acomodação é a realização da fricativa coronal /S/ em posição de coda silábica, devido ao fato de que esse segmento marca claramente a diferença entre os dialetos falados em João Pessoa (Paraíba) e em Recife (Pernambuco). Buscamos identificar se o processo de acomodação dialetal ocorre, quais os fatores que o propiciam, quais as estratégias que os informantes utilizam e se existem fatores sociais estimulando a acomodação.

Para atingir nossos objetivos, propusemos algumas questões norteadoras, com hipóteses ventiladas a partir da observação empírica dos nossos dados:

- a) As atitudes positivas em relação ao dialeto recifense contribuirão para a acomodação dialetal? Sabendo que as atitudes são formadas por comportamentos e condutas que podem ser positivas, de aceitação, ou negativas, de rechaço, como afirma Fernández (1998, p. 185), acreditamos que as atitudes amigáveis, positivas, influenciarão a acomodação ao novo dialeto, assim como as atitudes negativas serão motivadoras da preservação do dialeto paraibano.
- b) Em busca de uma maior aceitação social, os paraibanos convergirão o seu falar ao dialeto recifense? A integração social e a identificação com a nova realidade contribuem para o processo de convergência dialetal (GILES et al., 1987, p. 18).

Assim, inferimos que a busca por interação entre os indivíduos e aceitação social favorecerão a acomodação ao novo dialeto.

- c) O tempo de exposição à nova realidade linguística é um fator relevante para a acomodação? De acordo com Marques (2006), o tempo de exposição ao novo dialeto apresenta-se como fator significativo para a ocorrência da acomodação. Em seu trabalho, a autora constata que a partir dos cinco anos de contato com a nova realidade linguística, os informantes abandonavam paulatinamente seu dialeto de origem, mostrando indícios de acomodação ao novo falar. Desta maneira, deduzimos que o tempo de exposição ao dialeto recifense será relevante para os resultados da acomodação.

### **1 A fricativa coronal /S/ em posição de coda silábica**

O comportamento da fricativa coronal /S/ em posição de coda silábica foi objeto de estudo de vários pesquisadores devido a sua grande variação no português brasileiro. Entre esses trabalhos, podemos citar o de Callou, Leite e Moraes (2002), que realizaram pesquisas em Recife, Salvador, Porto Alegre, São Paulo e Rio de Janeiro, com os dados do projeto NURC; Brescancini (2002), em Florianópolis; Hora (2003) e Ribeiro (2006), na Paraíba, com dados do projeto VALPB; Brandão (2008), no Rio de Janeiro; Monteiro (2009), no Amapá; entre outros. Esses estudos são importantes, pois permitem o mapeamento desse fenômeno no Brasil, e elucidam os fatores que condicionam a realização do mesmo em cada região. A maior parte desses trabalhos busca, à luz da Teoria da Variação Linguística, encontrar uma sistematização da heterogeneidade linguística existente no português falado no Brasil.

Essas pesquisas revelam que a fricativa coronal /S/ em posição de coda apresenta um comportamento bastante variável. Os resultados apontam que o /S/, nessa posição, alterna-se entre as realizações alveolares [s, z], palato-alveolares [ʃ, ʒ], glotal [h] e o apagamento [Ø]. Hora e Pedrosa (2008) também atentam para o fato de que, por serem contínuas e terem seu tempo prolongado, poderiam formar o ataque de uma sílaba cujo núcleo não é preenchido foneticamente, fato comprovado com o fenômeno da paragoge, como em *mais~mai[z]i*, *deus~deu[z]i*.

Callou, Leite e Moraes (2002) apresentam um quadro comparativo do comportamento da fricativa nas cinco maiores capitais do Brasil. São Paulo e Porto Alegre apresentam uma distribuição praticamente idêntica, predominando a variante alveolar, enquanto que Rio de Janeiro e Recife apresentam a predominância da variante palatal. Salvador apresenta uma realização heterogênea, ora a forma alveolar, ora a forma palato-alveolar.

Com relação ao comportamento da fricativa coronal na Paraíba e em Pernambuco, temos os trabalhos realizados por Hora (2003) e Ribeiro (2006), em João Pessoa; e estudos realizados em Recife por Callou, Leite e Moraes (2002) e Macedo (2004).

Hora (2003) revela que, na capital da Paraíba, a fricativa coronal /S/ em posição de coda silábica apresenta as seguintes variantes: alveolar [s/z], como em *e[s]fera* e *de[z]de*; glotal [h], como em *me[h]mo*, palatalizada [ʃ,ʒ], como *go[ʃ]to* e *de[ʒ]de*, e o apagamento (que se mostrou produtivo em coda final, especialmente na formação de plural). É notória a prevalência da forma alveolar em detrimento das outras. No entanto, a palatal ainda apresenta um percentual de 28%. Foi constatado, no entanto, que a palatalização desse segmento é motivada pelo contexto fonológico seguinte, no caso as oclusivas dental [t,d].

Na posição final, de acordo com Ribeiro (2006), o comportamento da fricativa coronal /S/ apresenta-se de maneira um pouco distinta. Nessa posição, temos uma redução da forma palatal de 28% para 5%, e um aumento do apagamento de 1% para 24%. A autora conclui que existe uma tendência para a preservação desse segmento em posição de coda final, pois foi computado apenas 25% de apagamento contra 75% de preservação. De acordo com os dados, os informantes realizam o apagamento com maior frequência quando o segmento possui a função de morfema de plural.

Diferentemente da capital paraibana, Recife apresenta a palatalização independente do contexto fonológico seguinte, como afirmam Callou e Moraes (1996). As pesquisas demonstram a preferência pelo uso da forma palatalizada. Em posição medial, temos 84% de ocorrências da palatal, contra 10% da alveolar. Recife apresenta um predomínio da palatal na posição medial, enquanto a forma aspirada e o apagamento não apresentam grandes diferenças dos resultados de João Pessoa. Já na posição final, temos 54% de palatalização e 34% do uso das alveolares. Os dados também revelam

que, independentemente do contexto fonológico seguinte, nessa região existe uma preferência pelo uso das palatais, e não apenas diante de [t] e [d]. Assim, é possível observar pronúncias como e[j]fera, ve[j]pa e fu[j]ca na capital pernambucana; em João Pessoa, essas realizações não seriam comuns.

Ainda a respeito do comportamento da fricativa coronal /S/ em posição de coda no falar recifense, temos o trabalho de Macedo (2004), que apresenta um panorama desse fenômeno. A mesma constata que a palatalização da fricativa coronal em posição de coda é marca do falar recifense. Através da análise de 12 entrevistas de DID (Diálogo entre Informante e Documentador) do projeto NURC-Recife, Macedo constatou a presença de 5.369 ocorrências do /S/ em posição de coda. As formas alveolar e palatal contabilizaram 3.911 realizações; dessas, a palatal esteve presente em 76% das ocorrências. Assim, como as pesquisas realizadas por Callou, Leite e Moraes (2002), Macedo (2004) aponta para a supremacia da variante palatal, independente do contexto fonológico seguinte.

## **2 Procedimentos metodológicos**

O *corpus* utilizado nesta pesquisa foi constituído por 7 informantes paraibanos que residem há no mínimo dois anos em Recife. As gravações foram realizadas com 6 informantes do sexo feminino e 1 sexo masculino.

Após a seleção dos falantes, elaboramos um roteiro para a nossa entrevista, com vistas a um falar mais espontâneo. Iniciamos com questões relativas à vida em Recife, as diferenças encontradas em relação à Paraíba, perguntas relativas à infância, à vida escolar e ao trabalho. Em um segundo momento, realizamos algumas perguntas mais específicas que continham questões de percepção das diferenças linguísticas entre os dois Estados, bem como atitudes do entrevistado em relação a essa diferença.

Para a nossa pesquisa, utilizamos também o estilo de leitura de texto. A construção dos mesmos deu-se a partir da escolha de palavras que continham o fenômeno pesquisado. Escolhemos 28 palavras com a fricativa em posição de coda, observando o contexto fonológico seguinte (labial, coronal e dorsal) e a tonicidade (pretônicas e tônicas). Os textos foram apresentados separadamente e lidos duas vezes

pelo entrevistado. O objetivo do experimento foi identificar a realização da acomodação em um contexto mais monitorado.

Tendo em vista o fato de que o estudo enfoca a acomodação da fricativa coronal em posição de coda por paraibanos que residem em Recife, trabalhamos com uma variável dependente binária (palatalização x não palatalização). Como a palatalização é categórica na Paraíba em contextos [t] e [d], nosso objetivo foi identificar a acomodação em ambientes fonológicos distintos dos observados em João Pessoa. Com base nos trabalhos que nortearam esta pesquisa e em observações parciais do corpus, foram controladas as seguintes variáveis independentes.

a) *Tempo de residência em Recife*: de acordo com Pesqueira (2005), o tempo de residência é uma variável significativa para a acomodação dialetal. Marques (2006) afirma que dez anos foi o tempo suficiente para paraibanos acomodarem-se a alguns traços do dialeto do Rio de Janeiro. Assim, para esta variável, distribuímos os informantes em dois grupos: de 2 a 3 anos e mais de 10 anos de permanência em Recife.

b) *Contato diuturno com falantes recifenses*: partimos da hipótese de que o contato diário mais intenso com recifenses influenciaria efetivamente a acomodação ao novo dialeto. Assim, controlamos como variável independente o fato de o informante morar ou não com recifense.

c) *Frequência de visitas à Paraíba*: com esta variável, nosso objetivo foi investigar se a frequência das visitas à Paraíba influenciaria a progressão da acomodação. Para isso, separamos os informantes em quatro grupos: aqueles que visitam a Paraíba semanalmente, os que vêm quinzenalmente, mensalmente e os que não a visitam.

d) *Estilo*: o estilo possibilitou a mensuração da assimilação em um contexto mais formal, a leitura, e em um menos formal, a entrevista. Chacon (2012) mostra que a fala menos monitorada, ou seja, o estilo entrevista, mostrou-se mais favorável à acomodação dialetal.

e) *Contexto fonológico precedente*: pretendemos com esta variável identificar o contexto fonológico precedente que mais influenciará a acomodação, controlando-a da seguinte forma: vogal central, vogais anteriores e vogais posteriores. De acordo com

Macedo (2004), independentemente do contexto fonológico precedente, a palatalização é categórica em Recife.

f) *Contexto fonológico seguinte*: é importante ressaltar mais uma vez que, como o nosso objetivo é verificar a ocorrência da acomodação, excluímos os contextos fonológicos seguintes formados pelas dentais [t, d]. Distribuímos essa variável nos seguintes grupos: labial, dorsal, coronal, pausa e vogal.

g) *Tonicidade*: de acordo com Macedo (2004), a tonicidade é de pouca relevância para a palatalização do fonema estudado, porém, seus estudos apontam que a posição átona é ligeiramente favorecedora do fenômeno. Controlamos esta variável em posição tônica, pretônica, postônica e átonas.

Para a análise quantitativa dos dados, utilizamos o software Goldvarb X (SANKOFF; TAGLIAMONTE; SMITH, 2005), utilizado em pesquisas variacionistas. Além das variáveis independentes apresentadas, identificamos cada informante com um código, para fazermos o tratamento estatístico de cada um separadamente, o que possibilitou uma análise centrada no indivíduo. Isso nos possibilitou o início de uma análise qualitativa que permitirá examinar as questões de atitudes linguísticas que influenciam na acomodação e que começarão a ser mostradas neste artigo.

### **3 Discussão dos dados**

Na análise quantitativa dos dados, procedemos a duas rodadas no Goldvarb X. Na primeira delas, conservamos a variável “informante”, por acreditarmos que os dados relativos a cada um dos respondentes poderiam nos ajudar na análise qualitativa do fenômeno. Nessa primeira rodada, obtivemos um total de 1.169 ocorrências, em que a forma palatalizada foi realizada 304 vezes contra 865 da não palatalização.

A palatalização em contexto diferente de [t,d] foi observada em 26% das ocorrências, o que atesta a acomodação da fricativa coronal palatalizada por paraibanos que residem em Recife. Mesmo mostrando ainda uma tendência forte para a não palatalização (74% dos casos), a fala dos informantes mostrou que a convivência com o novo dialeto foi um gatilho para o processo de acomodação. Mostraremos os dados relativos a cada um dos falantes mais adiante.



Na segunda rodada empreendida, retiramos a variável “informante”. Nesta rodada, obtivemos um total de 1.734 ocorrências, das quais 351 de formas palatalizadas (equivalente a 20,2% dos dados), contra 1.383 de não palatalização em contexto distinto de [t,d] (equivalente a 79,8%). Gostaríamos de esclarecer que o número diferente no total entre a primeira e a segunda rodadas se deu pelo fato da eliminação de *knock-outs* na primeira rodada. Como é possível perceber, o número percentual de palatalização em contexto distinto de [t, d] nas duas rodadas é muito semelhante: 26% e 20,2%, respectivamente.

O programa Goldvarb X selecionou as seguintes variáveis como estatisticamente relevantes para o fenômeno: tempo de residência, contato diuturno com falantes recifenses, frequência de visitas à Paraíba, estilo e contexto fonológico seguinte. As únicas variáveis descartadas pelo programa foram a tonicidade e o contexto fonológico precedente.

Por questões de limitação de espaço, teceremos comentários sobre as três variáveis não linguísticas mais relevantes para o fenômeno em pauta: tempo de residência, contato diuturno e frequência das visitas.

A primeira variável selecionada foi o tempo de residência em Recife, o que corrobora os resultados de outros trabalhos (cf. MARQUES, 2006; CHACON, 2012) a respeito da influência do fator tempo de exposição nos fenômenos de acomodação dialetal.

Tabela 1 – Influência da variável “tempo de residência” na palatalização

<b>Fator</b>	<b>Apl. / Total</b>	<b>%</b>	<b>P.R.</b>
<b>Até 3 anos</b>	45/922	4	0,33
<b>Após 10 anos</b>	306/812	37	0,68

Input 0,117

Significância: 0,004

Como é possível observar na Tabela 1, os indivíduos que mais palatalizaram antes de [t] e [d] foram aqueles que residiam em Recife há mais de 10 anos (com peso relativo de 0,68). Já aqueles que residiam na capital pernambucana há até 3 anos palatalizaram em apenas 4% dos casos (peso relativo de 0,33). Os dados parecem indicar um *continuum* de acomodação ao longo da exposição à nova forma linguística, produzindo uma espécie de interdialeto, que se diferencia ao mesmo tempo do dialeto de origem e do dialeto alvo.

No estudo de Chacon (2012), a variável “tempo de exposição” também foi selecionada como a mais relevante estatisticamente (0,08 de peso relativo nos informantes com tempo de residência de até 3 anos e 0,70 de peso relativo nos indivíduos com mais de 8 anos de exposição ao novo dialeto).

Os dados quantitativos relacionados a cada um dos informantes também corroboraram a influência dessa variável. Como podemos observar na tabela 2<sup>1</sup>, os informantes que mais acomodaram foram os informantes 4 e 5, que têm em comum o fato de morarem há mais de dez anos em Recife, além de terem uma atitude positiva em relação à nova realidade linguística, como veremos mais adiante.

Tabela 2 – Palatalização dos informantes

Fator	Apl./Total	%	P.R.
<b>Informante 4</b>	106/ 268	39	0,72
<b>Informante 5</b>	157/397	39	0,73
<b>Informante 2</b>	35/288	12	0,34
<b>Informante 6</b>	6/216	2	0,10

Input: 0,208

Significância: 0,049

Mesmo apresentando uma avaliação positiva do falar recifense, os informantes 2 e 6 apresentaram baixos índices de acomodação, fato que pode ser justificado pelo pouco tempo de exposição, ambos há 3 anos em Recife, o que corrobora os dados quantitativos mostrados na tabela 1.

Notamos que, apesar de a palatalização ser realizada pelos informantes que moram há mais de 10 anos em Recife de forma considerável, ainda é perceptível a preservação do dialeto de origem em alguns momentos, o que nos leva a inferir que os informantes estão em processo de acomodação parcial.

A informante 4 mora em Recife há mais de dez anos e foi casada com recifense. Ela apresentou uma acomodação dialetal bastante significativa: das 268 ocorrências da fricativa coronal em posição de coda, produziu a forma palatalizada 106 vezes, com um percentual de 39% dos casos.

Ao ser questionada a respeito da percepção das diferenças entre os dialetos, a informante demonstra conhecê-las, identificando a palatalização como uma dessas

---

<sup>1</sup> Por questão de limitação de espaço, mostramos apenas os dados dos informantes que mais palatalizaram.

características. Ao mesmo tempo em que percebe a diferença, também identifica que acomodou essa característica linguística, tendo em vista que, ao retornar à Paraíba, as pessoas do seu ciclo de amizade percebem a diferença em seu falar.

É importante reproduzirmos o discurso da informante aqui porque acreditamos que a atitude linguística com relação ao novo dialeto também pode ser um fator catalisador para a acomodação, e não apenas o tempo de residência.

O sotaque é um pouco diferente, é puxado pra o [s]. Realmente, e eu aprendi isso. Meu irmão, quando eu chego, ele diz: sim, chegou [ji], [ji], [ji]. Aí eu começo a rir, realmente tem a parte do sotaque. Mas como é Nordeste, o que tem lá, tem cá. *(Informante 4)*.

A informante consegue identificar a acomodação, definindo-a como algo espontâneo, efeito do entrosamento com as pessoas de Pernambuco:

Com o tempo, com o passar do tempo, eu fui puxando justamente esse [j]. Eu fui puxando esse [j] sem querer. Porque você vai se entrosando com as pessoas de lá. Então eu fui entrando na dança, como se diz, mas eu acho isso bom. *(Informante 4)*.

Ela avalia o dialeto recifense como um falar “extrovertido”, o que revela uma avaliação positiva a respeito da nova realidade linguística. Também tece comentários a respeito do comportamento dos falantes, avaliando-os como festivos. Esses posicionamentos são relevantes, pois nos levam a inferir que a avaliação positiva que o informante tem do recifense pode ser um dos fatores que propiciaram a acomodação ao novo dialeto.

É assim, bom, eu acho que é extrovertida, certo. Assim, apesar de ser assim, uma cidade grande, mas as pessoas são muito festeiras. Uma das diferenças do povo de lá e daqui é isso. Agora é que estão começando a ficar mais festivas as coisas aqui. João Pessoa, em relação à Recife, muitas vezes é cópia, né? Também, então assim, as pessoas de lá são muito festivas. *(Informante 4)*

A informante 5 mora em Recife há mais de dez anos, vive com dois filhos que nasceram na capital pernambucana e não retorna à Paraíba há muito tempo. Durante a entrevista, ela realizou 157 vezes a forma palatalizada, chegando a um peso relativo de 0,73, fato que demonstra a acomodação ao falar recifense.

Em relação à avaliação do novo dialeto, manteve uma postura positiva, fato que se mostra importante para que convirja o seu modo de falar à nova realidade. Em um primeiro momento, sua avaliação em relação ao dialeto mostrou-se negativa, mas, com o passar do tempo, a mesma afirma que adquiriu uma nova visão.

Eu gosto. Eu gosto sim, eu já me acostumei, né? No início eu sentia mais, eu dizia: Ai! Que jeito feio de falar. As meninas daqui falavam arretado, arretado, eu tinha raiva dessa palavra arretado, que minha filha a primeira vez que disse, eu disse, se você disser isso de novo dentro de casa, ela era desse tamanhinho, você vai apanhar. Você não pode falar essa palavra arretada que é muito feia. (Risos) Então, eu sentia isso aí, depois a gente vai se acostumando, eu não acho não, não acho feio não, acho legal até. Acho normal. (*Informante 5*)

Em outro ponto da entrevista, a informante menciona o respeito que tem pelo lugar, e acredita que essa reverência faz com que ela se acomode ao dialeto recifense.

Bom, eu acho que eu falei aqui, eu não sei, eu tenho muito respeito por esse lugar, que eu me sinto bem e tou até hoje. Daí eu me sinto tão à vontade que eu acabo assimilando as coisas daqui. Eu gosto demais dessa terra, eu acho que esse foi um dos motivos, o outro motivo talvez até pra, pra gente conseguir se dar melhor com as pessoas aqui. Então, a gente tem que, pronto, essa questão que eu falei, respeito, a gente tem respeito pela pessoa, tentar entender a pessoa e de repente a gente tá falando igual à pessoa, assimilando as coisas. (*Informante 5*)

É importante relativizarmos a importância da variável “tempo de residência” com base nos nossos dados qualitativos. A informante 1, por exemplo, apesar de residir há mais de 10 anos em Recife, e ter contato diuturno com recifenses, não se acomodou à forma palatalizada em nenhum momento da entrevista. Os dados qualitativos parecem indicar que a atitude negativa exerce um papel bloqueador na influência do fator “tempo de residência”. Assim, para que ele tenha um efeito catalisador da acomodação, ele deve estar associado a uma avaliação positiva do novo falar.

É possível compreender, portanto, que posicionamentos particulares relativos à avaliação do novo dialeto e questões de atitude linguística em relação ao seu dialeto de origem contribuem para a preservação do falar. Logo, a análise dessas atitudes possui um peso grande para a interpretação do comportamento linguístico do participante e que só é possível explicar o processo de acomodação dialetal através de um conjunto de fatores.

Quando questionada a respeito de haver incômodo quando ouve o falar recifense, a informante 1 é taxativa:

Ah, me incomoda, porque fica feio. (...) A gente aprendeu, quando a gente estuda os fonemas, que o fonema não é o [s]? Não é o [ʃ] não. “E[s]cada”, num é “e[ʃ]cada”, não é? Então em português tá errado falar dessa forma. (...) Então assim, me incomoda porque está errado, e[ʃ]tá, tá vendo, oh? Por que e[s]tá errado. Aí, eu me pego falando. (*Informante 1*)

Segundo a informante, a palatalização do /S/ em coda a incomoda, pois não é a “forma correta”, demonstrando uma atitude negativa em relação ao novo dialeto, fato que desfavorece a acomodação dialetal. Quando ela percebe que palatalizou no contexto seguinte formado pela dental [t], atribui à influência do falar recifense, mostrando que não consegue identificar a presença da forma palatal no dialeto paraibano.

A segunda variável apontada pelo programa como estatisticamente relevante para a acomodação foi o contato diuturno com falantes recifenses. Como se vê na tabela 3, os informantes que não estavam expostos diuturnamente ao novo dialeto, palatalizaram em apenas 4% dos casos (peso relativo de 0,33). Os dados revelam que aqueles que moram com recifenses apresentaram um número superior de palatalização, se comparados com aqueles que residem só ou com paraibanos. Esses falantes estão em contato com recifenses apenas no ambiente de trabalho ou vizinhança, o que parece retardar o processo de convergência dialetal. Os informantes que tinham contato diuturno com o novo dialeto palatalizaram em 36,6% das ocorrências (peso relativo de 0,67).

Tabela 3 – Influência da variável “contato diuturno com falantes” na palatalização

Fator	Apl. / Total	%	P.R.
<b>Sim</b>	310/847	36	0,67
<b>Não</b>	41/887	4	0,33

Input 0,117

Significância: 0,004

O caso da informante 2 é emblemático para a compreensão da influência dessa variável, pois sua acomodação foi pequena e o fato de não ter contato diuturno com recifense pode ser uma explicação para a não convergência. De acordo com os dados, a falante acomodou 35/288, chegando a um percentual de 12%. Apesar de não ser um número expressivo, esse dado revela que a mesma já se encontra em processo de acomodação parcial.

Apesar de não perceber a acomodação, a falante informa que quando está em Recife, inconscientemente, como forma de adaptação, acaba se acomodando ao novo dialeto. Fato que demonstra que a busca de aceitação contribui para a acomodação. A informante também percebe que quando volta à Paraíba, ela perde o sotaque ao qual se acomodou.

Não. Eu acho que não. Mas às vezes quando eu tou lá convivendo com eles, às vezes, inconscientemente, como uma forma de adaptação, eu acho que eu acabo meio que falando como eles, sabe? Mas, quando eu volto pra minha realidade, eu perco, então, eu acho que sotaque mesmo eu não peguei não. (*Informante 2*)

Quando questionada se a convivência influenciava a acomodação do dialeto recifense, a informante menciona a busca pela aceitação. Apesar do seu discurso, os dados quantitativos mostram que a acomodação não foi significativa e que a explicação pode ser encontrada na falta de contato diuturno com recifenses.

Assim como o convívio diuturno, a frequência das visitas à Paraíba também foi um dos fatores não linguísticos selecionados pelo programa estatístico. De acordo com a tabela 4, os informantes que visitam a Paraíba mensalmente e os que não a visitam apresentam um índice de acomodação maior, se comparado aos que viajam quinzenalmente ao Estado vizinho.

Tabela 4 – Influência da variável “frequência das visitas” na palatalização

<b>Fator</b>	<b>Apl. / Total</b>	<b>%</b>	<b>P.R.</b>
<b>Quinzenalmente</b>	45/817	5	0,42
<b>Nunca</b>	157/397	39	0,52
<b>Mensalmente</b>	149/520	28	0,60

Input 0,117

Significância: 0,004

Apesar da inversão dos resultados entre os que nunca o visitam (0,52) e os que o visitam mensalmente (0,60) não evidenciar um *continuum* de acomodação com relação à frequência das visitas, é possível observar que o contato quinzenal com o Estado de origem parece desfavorecer a acomodação da palatalização (0,42). Isso também pode ser explicado pelo fato de que indivíduos que ainda guardam contato com suas raízes tendem a apresentar uma maior relação de identidade com seu dialeto de origem, retardando o processo de acomodação.

O informante 6 (vide tabela 2 para os índices de palatalização) apresentou uma acomodação insignificante com um peso relativo de 0,10. O mesmo está em Recife há três anos, visita frequentemente a Paraíba, quinzenalmente, além de ter muitos amigos e namorada paraibanos. A não acomodação do informante é justificada por todos esses fatores acima mencionados. Apesar de morar em Recife, relaciona-se mais efetivamente com pessoas que não são naturais da cidade. Vejamos a fala que justifica essa hipótese.

Não é estressante não. É divertido. É divertido, e uma característica de lá é que noventa por cento das pessoas do meu trabalho não são de Pernambuco, são de outros Estados, vai ver isso influenciou também o fato de eu conhecer poucas pessoas de Recife, porque, assim que você chega lá, as primeiras pessoas que você conhece são as pessoas do trabalho, e o pessoal do trabalho era todo mundo de fora. *(Informante 6)*

Por todo o exposto acima, o fenômeno da acomodação dialetal se mostra complexo, necessitando de uma explicação através de muitos fatores. Os dados quantitativos e qualitativos, no entanto, mostram claramente um efeito forte dos fatores tempo e qualidade da exposição ao novo dialeto. Acreditamos não haver dúvidas a esse respeito, já que os resultados corroboram também as conclusões chegadas por outros trabalhos. Faz-se necessário, porém, uma relativização dessas forças, tendo em vista que as atitudes dos falantes podem inibir ou acelerar esse processo.

#### **4 Algumas considerações**

De acordo com a Teoria da Acomodação da Comunicação, a atitude linguística tanto pode contribuir para a convergência quanto para a divergência dialetal. As atitudes são formadas por comportamentos e condutas que podem ser positivas, de aceitação (convergência), ou negativas, de rechaço (divergência). Logo, a atitude linguística é de suma importância para identificar a extensão da acomodação, a percepção e o grau de aceitação da mesma.

Optamos por interpretar nossos dados quantitativamente e qualitativamente por acreditarmos que ambas as análises são indispensáveis para uma compreensão mais completa dos dados. A análise quantitativa possibilitou identificar estatisticamente os fatores que estão contribuindo para a acomodação, enquanto a análise qualitativa possibilitou a interpretação dos dados subjetivos que contribuirão para a acomodação do novo dialeto ou a preservação do dialeto de origem.

Como vimos, o programa estatístico selecionou três variáveis não linguísticas relevantes para o fenômeno da acomodação dialetal: tempo de residência em Recife, contato diuturno com recifenses e frequência das visitas à Paraíba. No entanto, ao analisarmos os dados qualitativos, tivemos que relativizar a importância dessas variáveis no fenômeno em pauta.

Na análise qualitativa, selecionamos trechos de entrevistas realizadas com os informantes relacionadas com os seguintes tópicos: a) percepção das diferenças linguísticas entre os dois dialetos; b) avaliação positiva ou negativa quanto ao dialeto recifense; c) avaliação positiva ou negativa quanto ao dialeto pessoense; d) percepção de preconceito sofrido em relação ao dialeto paraibano em Recife; e) percepção da acomodação ao falar recifense; e f) identificação dos fatores que influenciam a assimilação do falar recifense.

Com base nessas informações, foi possível traçar uma ponte com os dados quantitativos e entender os fatores relativos à atitude linguística que influenciaram a acomodação dialetal do segmento palatal em posição de coda. Acreditamos que um aprofundamento na análise qualitativa dos dados nos permitirá responder a questões relativas à atitude linguística do informante, contribuindo, dessa forma, para a identificação e compreensão dos fatores subjetivos que contribuem para a acomodação dialetal ou para a preservação do dialeto de origem.

Acreditamos que, nesta altura, já é possível responder às questões levantadas no início do artigo. Com relação ao primeiro questionamento, pudemos constatar, a partir dos dados qualitativos, que, embora não seja desprezível a pressão de variáveis como tempo de residência e contato diuturno com recifenses, a atitude positiva com relação ao novo dialeto parece comportar-se como um catalisador para o fenômeno da acomodação dialetal, como observamos, sobremaneira, nos dados relativos ao informante 1.

Foi possível observar também, como corolário da pergunta anterior, que a busca por uma maior aceitação social observada em paraibanos produziu um ambiente favorável à convergência dialetal. Por fim, ao questionarmos sobre a relevância do fator “tempo de exposição” para o processo de acomodação, chegamos à conclusão (evidenciado tanto pelos dados quantitativos como qualitativos) que é uma das variáveis que mais exercem pressão no sentido da convergência, como demonstramos na tabela 1.



Gostaríamos de esclarecer que os resultados a que chegamos ainda são preliminares e que um maior aprofundamento no cruzamento dos dados quantitativos e qualitativos esclarecerá ainda mais nossa percepção a cerca dos fenômenos de acomodação dialetal.

## Referências

- BRANDÃO, Silvia Figueiredo. *Estudo variacionista sobre a palatalização do S em coda silábica na fala fluminense*. In: ENCONTRO DO CELSUL, 8, 2008, Porto Alegre. Anais do 8º Encontro do CELSUL. Porto Alegre: Círculo de Estudos Linguísticos do Sul, 2008. v.1. p. 1-8.
- BRESCANCINI, Cláudia Regina. *A fricativa palato-alveolar e sua complexidade: uma regra variável*. Tese (Doutorado em Linguística) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. 2002. 362 p.
- CALLOU, Dinah; MORAES, João. A norma de pronúncia do S e R pós-vocálicos: distribuição por áreas regionais. In: CARDOSO, Suzana (Org.). *Diversidade lingüística e ensino*. Salvador: EDUFBA, 1996.
- CALLOU, Dinah; LEITE, Yonne; Moraes, João. Processo(s) de Enfraquecimento Consonantal no Falar Português do Brasil. In: ABAURRE, M. B. M; Rodrigues. A. C. S. (Orgs). *Gramática do Português Falado*. v. VIII. Campinas, SP: Unicamp, 2002.
- CHACON, Karolina Albuquerque. *Contato dialetal: análise do falar paulista em João Pessoa*. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa. 2012. 114 p.
- GILES, Howard. *Accent mobility: a model and some data*. *Anthropological Linguistics*, 15, p. 87-105. 1973.
- GILES, Howard; COUPLAND, Justine; COUPLAND, Howard. *Accommodation theory: communication, context and consequence*. Cambridge: Cambridge University Press, 1987.
- GILES, Howard; COUPLAND, Justine; COUPLAND, Howard. (Eds.) *Contexts of accommodation: developments in Applied Linguistics*. Cambridge: Cambridge University Press, 1991.
- FERNÁNDEZ, Francisco Moreno. *Principios de Sociolingüística y Sociología del Lenguaje*. Barcelona: Ariel Linguística, 1998.
- HORA, Dermeval. Fricativas coronais: análise variacionista. In: RONCARATI, Cláudia; ABRAÇADO, Jussara (Org.). *Português brasileiro II: contato lingüístico, heterogeneidade e história*. Rio de Janeiro: Letras, 2003.

HORA, Dermeval; PEDROSA, Juliene Lopes Ribeiro. Reanálise da consoante em final de palavras: coda ou ataque de núcleo vazio? In: RONCARATI, Cláudia; ABRAÇADO, Jussara (Org.). *Português brasileiro II: contato lingüístico, heterogeneidade e história*. Rio de Janeiro: Letras, 2008.

LABOV, William. *The social stratification of English in New York City*. Washington: Center of Applied Linguistics, 1966.

\_\_\_\_\_. *Sociolinguistic patterns*. Oxford: Basil Blackwell, 1972.

MACEDO, Sandra Siqueira. *A palatalização do /s/ em coda silábica no falar culto recifense*. Dissertação (Mestrado em Linguística). Recife: UFPE, 2004. 100 p.

MARQUES, Sandra Maria Oliveira. *As vogais medias pretônicas em situação de contato dialetal*. Tese de Doutorado em Língua Portuguesa. Rio de Janeiro: UFRJ, Faculdade de Letras, 2006. 159 p.

MARTINS, Mariana de Souza. *A palatalização de oclusivas dentais em contato dialetal*. Dissertação (Mestrado em Linguística). Rio de Janeiro: UFRJ, 2008. 145p.

MONTEIRO, Renata C. Neves. *A produção palato-alveolar de /S/ nas Vozes do Amapá*. Dissertação (Mestrado em Linguística). João Pessoa: UFPB, 2009. 145p.

PESQUEIRA, Dinorah. *Sound change in dialect contact situation: Argentinean immigrants in Mexico City*. Georgetown University. 2005.

RIBEIRO, Silvia Renata. *Apagamento da sibilante final em lexemas: uma análise variacionista do falar pessoense*. Dissertação (Mestrado em Linguística). João Pessoa: UFPB, 2006.

SANKOFF, David; TAGLIAMONTE, Sali; SMITH, Eric. *Goldvarb X: a variable rule application for Macintosh and Windows*. Department of Linguistics, University of Toronto, 2005.

Recebido em março de 2013.

Aceito em junho de 2013.